

**TRANSEPISTEMAS DA TEORIA DECOLONIAL NA EDUCAÇÃO DECOLONIAL
PLANETÁRIA COMPLEXA**

***TRANSEPISTEMES DE LAS TEORÍAS DECOLONIALES EN LA EDUCACIÓN
DECOLONIAL PLANETARIA COMPLEJA***

***TRANSEPISTEMES OF DECOLONIAL THEORY IN COMPLEX PLANETARY
DECOLONIAL EDUCATION***



Milagros Elena RODRÍGUEZ¹
e-mail: melenamate@hotmail.com

Como referenciar este artigo:

RODRÍGUEZ, M. E. Transepistemas da teoria decolonial na educação decolonial planetária complexa. **Rev. Cadernos de Campo**, Araraquara, v. 23, n. 00, e023013, 2023. e-ISSN: 2359-2419. DOI: <https://doi.org/10.47284/cdc.v23i00.18280>



| **Submetido em:** 04/08/2023
| **Revisões requeridas em:** 19/10/2023
| **Aprovado em:** 15/11/2023
| **Publicado em:** 20/12/2024

Editores: Profa. Dra. Maria Teresa Miceli Kerbauy
Prof. Me. Mateus Tobias Vieira
Prof. Me. Lucas Flôres Vasques
Prof. Mestrando Thiago Pacheco Gebara
Profa. Mestranda Julia Beatriz Giacchetto Barbieri

¹ Universidad de Oriente, Departamento de Matemáticas (UDO), Cumaná – Sucre – Venezuela. Docente Investigadora Titular.

RESUMO: A decolonialidade planetária do saber e a geopolítica do saber-saber libertador é uma abordagem a qualquer teoria decolonial na Educação Decolonial Planetária Complexa (EDPC). Nas linhas de pesquisa: decolonialidade-complexidade planetária em religação; transepistemologias de conhecimento-saberes e transmetodologias complexas e transmétodos descoloniais planetários-complexos, transepistemas de teorias planetárias decoloniais *são configuradas em Educação Decolonial Planetária Complexa (EDPC)*. O transmétodo é a hermenêutica compreensiva, ecosófica e diatópica, passando pelos momentos analítico, empírico e proposital. No momento propositivo, assume-se um transepisteme como axioma das teorias decoloniais de que todo ser humano é educável e capaz de se libertar em seu processo, respeitando suas visões de mundo e condição humana. As transepistemas das teorias educativas no EDPC no princípio recursivo promovem como hipóteses: as tecnologias e as inovações são apenas instrumentos de ensino que devem ser prontamente supervisionados e contribuir para a promoção do conhecimento enterrado, e da diatopia.

PALAVRAS-CHAVE: Decolonialidade planetária. Complexidade. Educação. Transmetódico. Teoria.

RESUMEN: *La decolonialidad planetaria del saber y geopolítica del conocimiento-saber liberador es un acercamiento a cualquier teoría decolonial en la Educación Decolonial Planetaria Compleja (EDPC). En las líneas de investigación: Decolonialidad planetaria-complejidad en re-ligaje; transepistemologías de los conocimientos-saberes y Transmetodologías complejas y los transmétodos decoloniales planetarios-complejos, se configuran transepistemas de las teorías decoloniales planetaria en la Educación Decolonial Planetaria Compleja (EDPC). El transmétodo es la hermenéutica comprensiva, ecosófica y diatópica, recorriendo los momentos analíticos, empíricos y propositivos. En el momento propositivo, se asume un transepisteme como axioma de las teorías decoloniales que todo ser humano es educable y capaz de liberarse en su proceso respetando sus cosmovisiones y condición humana. Los transepistemas de las teorías educativas en la EDPC en el principio recursivo promueven como hipótesis: las tecnologías e innovaciones son sólo instrumentos de enseñanza que deben ser supervisadas expeditamente y conyugan a la promover los saberes soterrados, y la diatopia.*

PALABRAS CLAVE: Decolonialidad planetaria. Complejidad. Educación. Transmetódica. Teoría.

ABSTRACT: *The planetary decoloniality of knowledge and the geopolitics of liberating knowledge-knowledge is an approach to any decolonial theory in Complex Planetary Decolonial Education (EDPC, Spanish initials). In the lines of research: planetary decoloniality-complexity in re-ligation; transepistemologies of knowledge-knowing and complex transmethodologies and planetary-complex decolonial transmethods, transepistemas of planetary decolonial theories are configured in Complex Planetary Decolonial Education (EDPC). The transmethod is the comprehensive, ecosophical and diatopic hermeneutics, going through the analytical, empirical and purposeful moments. At the propositional moment, a transepisteme is assumed as an axiom of decolonial theories that all human beings are educable and capable of freeing themselves in their process, respecting their worldviews and human condition. The transepistemas of the educational theories in the EDPC in the recursive principle promote as hypotheses: technologies and innovations are only teaching instruments that must be promptly supervised and contribute to the promotion of buried knowledge, and diatopia.*

KEYWORDS: Planetary decoloniality. Complexity. Education. Transmethodical. Theory.

Uma teoria não é conhecimento, mas permite o conhecimento. Uma teoria não é uma chegada, é a possibilidade de uma partida. Uma teoria não é uma solução, é a possibilidade de lidar com um problema (MORÍN; CIURANA; MOTTA, 2002, p. 20, tradução nossa).

O pensamento complexo surgirá do conjunto de novos conceitos, novas visões, novas descobertas e novas reflexões que se ligarão e se juntarão. Estamos numa batalha incerta e ainda não sabemos quem a vai liderar. Mas podemos desde já dizer que se o pensamento simplificador assenta no domínio de dois tipos de operações lógicas: a disjunção e a redução, ambas brutalizantes e mutilantes, então os princípios do pensamento complexo serão necessariamente os princípios da distinção, da conjunção e da implicação (MORIN, 2003, p. 110, tradução nossa).

Acreditamos que não devemos substituir o termo teoria por um termo substituto, mas sim reconceitualizar, ressignificar e reconfigurar a noção. Em vez de abandonar a palavra teoria, devemos antes moldar uma compreensão desta noção que nos permita estar conscientes da sua importância e do seu potencial para moldar o que nos permite revelar, descrever e caracterizar (ORTIZ; ARIAS; PEDROZO, 2018, p. 22, tradução nossa).

Na Educação Decolonial Planetária Complexa somos convidados a amar, o bem comum como antropolítica e antropoética, como ressignificação da ética execrada da educação, da pesquisa e com ela a responsabilidade social pelo nosso papel na Terra-pátria incumbida de um serviço político ao outro. Cumprir o nosso papel, salvar os nossos atos à luz da vida no planeta e do que dele sai. (RODRÍGUEZ, 2022a, p. 49, tradução nossa).

A Educação Decolonial Planetária Complexa não é neutra, é inclusiva, desconstrutiva; não elimina, salvaguardar o conhecimento das civilizações encobertas não significa erradicar as reconhecidas, mas descolonizá-las e integrá-las, reconhecendo-as na sua diversidade. São erros, a minimizar e a neutralizar, que estão a ser cometidos em Estados supostamente descoloniais, onde a educação imposta pelo estudo da física, da matemática e de outras ciências significa distorcer teorias em vez de as descolonizar e tem preferido execrar esses conhecimentos, como criar um mini-planeta no Sul, como fez o Ocidente. Exclusão que não podemos cometer (RODRÍGUEZ, 2023a, p. 11-12, tradução nossa).

Preliminares. Urgências na educação e necessidades a discernir

Discutiremos na indagação delineando desafios e marcos de estudo, enquanto transepistemes herdadas do prefixo *trans*, que significa além, a conotação de Enrique Dussel, que indica "o ponto de partida da exterioridade da modernidade, daquilo que a modernidade excluiu, negou, ignorou como insignificante, sem sentido" (DUSSEL, 2004, p. 222, tradução nossa), nas epistemes das teorias educacionais; a palavra teoria vem do grego *theōría*, que significa observar e tem como raiz *theós*, que expressa algo como deus ou divindade, por isso muitos são fiéis a uma teoria como verdade última e a cultuam como um deus. Formam sistemas de hipóteses, proposições, axiomas e outros que podem atrair um discurso confuso de alto nível na decolonialidade planetária; por isso apresentamos o questionamento em epígrafes que

desmistificam de uma só vez o tijolo colonial que existe em torno das teorias. Mas o que é uma teoria na teoria da complexidade que seja decolonial planetária na educação? Esta é a questão de investigação que nos convoca.

O centenário mais dois anos hoje, 8 de julho de 2023: Edgar Morin, sintetizador da teoria da complexidade, com o seu legado de reforma do pensamento; desejado na proposta de uma educação planetária complexa; em que Milagros Elena Rodríguez, estudiosa cristã das suas obras, acrescenta o fato de que a decolonialidade, que apedilada planetária, *é apodítica da complexidade e da transdisciplinaridade; a conjunção das duas que ela chama de transcomplexidade* (RODRÍGUEZ, 2021a; 2021b; 2022b). A transcomplexidade, em nossa interpretação, não herda a conotação dulseniana de trans, já explicitada. Assim, contribui para a Educação Decolonial Planetária Complexa que é moriniana e, sem dúvida, para o projeto de libertação da educação no planeta. Juntamente com os cubanos e os colombianos: Alexander Ortiz Ocaña, María Isabel Arias López, Zaira Esther Pedrozo Conedo apresentam a investigação. Juntamente com os investigadores da complexidade Emilio Ciurana e Raúl Motta no texto: *Educar en la era planetaria. El pensamiento complejo como Método de aprendizaje en el error y la incertidumbre humana*.

Como diz a primeira epígrafe; ponderamos que não cabe trocar a palavra teoria por outra que a substitua, mas desconstruir, reconceitualizar, religar, ressignificar e reconfigurar; o que indica descolonizá-las a nível planetário. Estes contidos para configurar uma compreensão do que realmente deve ser uma teoria inacabada; desmistificada da verdade última; tendo em conta que a essência de uma teoria, ou transepistemes não é a teoria em si. O que diz que os princípios e tudo o que sabemos da teoria da complexidade não é ela em si mesma, de acordo com os autores da primeira epígrafe.

Na segunda epígrafe, Milagros Elena Rodríguez, criadora dos transmétodos decoloniais planetários complexos, nos quais se desenvolve esta investigação, leva-nos a pensar que estamos conscientes de que a linha de investigação intitulada: Educação Decolonial Planetária Complexa não é neutra, é inclusiva, desconstrutiva; não faz uma varredura, porque, por exemplo, salvaguardar o conhecimento das civilizações ocultas não simboliza erradicar as reconhecidas; mas descolonizá-las. Como explica o autor, uma teoria nesta linha nunca erradica as ciências, mas descoloniza-as e combina-as com o conhecimento das civilizações ocultas, pensando sempre num nível planetário de inclusão, a partir das nossas visões do mundo.

Na terceira epígrafe consideramos que sendo o pensamento complexo, e com ele a teoria da complexidade, e o transparadigma complexo nas transmetodologias a base dos

transepistemas da teoria da Educação Decolonial Planetária Complexa (EDPC), dela como teoria e da própria constituição da EDPC; então estas virão do conjunto de novos conceitos, novas visões, novas descobertas e novas reflexões que se conectarão e se juntarão; que nunca serão definitivas; mas que terão as bases da teoria da complexidade; sua gestão em uma constante decolonialidade; em desvinculação e revinculação (RODRÍGUEZ, 2019). O que deve ser desvinculado? Por exemplo, do joio que enxameia o projeto decolonial, com instrumentos disfarçados e nem sempre libertadores (RODRÍGUEZ, 2022c).

Devemos estar conscientes de que vivemos numa batalha incerta; mesmo neste mar de incertezas, o pensamento simplificador baseia-se no domínio de dois tipos de operações lógicas: a disjunção e a redução, ambas brutalizantes e mutilantes; assim, os princípios do pensamento complexo serão necessariamente os princípios da distinção, da conjunção e da implicação (MORIN, 2003, p. 110).

Na quarta epígrafe como afirmam Edgar Morin, Emilio Ciurana e Raul Motta no seu livro *Educar en la era planetaria*, uma teoria não é o conhecimento, mas permite o conhecimento; não é a finitude do saber, o advento não é a possibilidade de um começo; uma teoria não é uma solução, são as soluções; é a possibilidade de lidar com um problema. Assim sendo o complexo transparadigma e as transmetodologias nas teorias das quais precisamos de algumas transepistemas, temos que ter em mente que "teoria e método são os dois componentes indispensáveis do conhecimento complexo" (MORÍN; CIURANA; MOTTA, 2002, p. 21, tradução nossa). Assim, as teorias do EDPC têm como conhecimento de suas transepistemas os do transparadigma complexo.

É por isso que na quinta epígrafe, Na Educação Decolonial Planetária Complexa somos solicitados a promover o amor, a solidariedade, o bem comum como antropolítica e antropolítica herdada da teoria da complexidade, como ressignificação da ética execrada da educação, da pesquisa e com ela a responsabilidade social pelo nosso papel na Terra-pátria incumbida de um serviço político ao outro; Em que devemos descolonizar as intencionalidades; e muitas vezes o sequestro da teoria da complexidade e da teoria transdisciplinar por pesquisadores elitistas com mentes coloniais; com isso perdemos o vinho novo no odre velho como na parábola de nosso Senhor Jesus Cristo.

As transepistemas vão para além do que se conhece das teorias como configuração hermenêutica, ecosófica e diatópica abrangente e conduzem, sem dúvida, à concetualização de uma Educação Decolonial Planetária Complexa com essências ecosóficas e diatópicas libertadoras;

Teoria como configuração hermenêutica; estará ligada à explicação da gênese das coisas, dos significados, da praticidade e de um conglomerado simbólico de tudo o que compõe o mundo, suas complexidades, subjetividades e instâncias dialógicas; para configurar definições conceituais consideradas a partir do pensamento coletivo através do tempo (ORTIZ; ARIAS; PEDROZO, 2018, p. 22, tradução nossa).

As teorias do livro: *las estructuras de las revoluciones científicas* de Thomas Kuhn contém os paradigmas (KUHN, 1962), significa um conjunto de procedimentos que permitem resolver os problemas que podem surgir no âmbito de uma determinada teoria; que nos paradigmas reducionistas vamos explicar que essas teorias são coloniais, sobrepostas. O "paradigma depende do conjunto de instâncias cerebrais, espirituais, computacionais, cognitivas, lógicas, linguísticas, teóricas, mitológicas, culturais, sociais e históricas que dele dependem. Dependem das atualizações que dependem dele" (MORÍN, 1992, p. 236, tradução nossa); e que agora as teorias no complexo transparadigma transcendem o que axiomas, proposições, lemas significam de forma colonial; mas sem dispensá-los; e outros que são desconstruídos na dita posição transparadigmática, levando-os à sua complexificação.

Na presente pesquisa como objetivo *complexo sustentamos transepistemas das teorias da Educação Decolonial Planetária Complexa*; faremos indagações transmetódicas; tendo como guia a complexidade planetária decolonial; assim a teoria não estará "intrinsecamente ligada a algo divino, superior, ideal, inquestionável, digno de ser reverenciado e até temido" (BONDARENKO, 2009, p. 462, tradução nossa). Será questionadora, transparadigmática, desvinculadora, avaliativa, revinculadora e não busca verdades acabadas, promove que estas não existam. Procuramos um ponto de partida para o EDPC. Sem dúvida, para transformar a educação, precisamos de transepistemas de teorias decoloniais, e elas próprias no EDPC para a reforma do pensamento, da práxis; temos que ter em conta que: *a complexidade, a transdisciplinaridade e a pedagogia decolonial são bases epistêmicas para uma reforma curricular educacional* (SALINAS GAONA; REYES, 2021).

A seguir, explicamos as condições da transmetodologia com a qual realizamos a pesquisa.

Transmetodologia. Hermenêutica abrangente, ecosófica e diatópica, o transmétodo do escrutínio.

Para cumprir o objetivo complexo da pesquisa, vamos além das metodologias reducionistas modernistas-pós-modernistas, para isso, tomamos um conceito complexo como o rizoma, um conceito da pós-modernidade que descolonizamos, que é um conceito filosófico apresentado na obra intitulada: *Mil Platôs* (DELEUZE; GUATTARI, 1980), um dos textos mais representativos e respeitados do pós-estruturalismo, desenvolvido por Gilles Deleuze e Félix Guattari em seu projeto *Capitalismo e Esquizofrenia* (DELEUZE; GUATTARI, 1980).

Tomamos as estruturas rizomáticas porque elas são profundamente rompedoras; em qualquer estrutura pesamos a inclusão, descolonizando as categorias excluídas da colonialidade; o rizoma é uma imagem do pensamento, baseada no rizoma botânico, uma raiz subterrânea, que apreende multiplicidades; "o rizoma como um caso de sistema complexo" (INGALA GÓMEZ, 2008, p. 258, tradução nossa) que permite com constantes rupturas de atribuição incluir essências execradas e as mesmas colonizadas e impostas reducionistas na educação, especificamente na presente pesquisa.

Com os rizomas damos aberturas e essência ecosófica em primeiro lugar e inclusiva aos transestemes das teorias do EDPC, depois da decolonial planetária e complexa da Educação Decolonial Planetária Complexa. A inclusão como essência desmistificadora da vida não rompe o tecido da vida e do que é educar no ser humano, nem rompe a essência do que é ser humano; não se coloca na diátribe de violar a natureza da criação. Admite que a ecologia espiritual, como parte da ecosofia, concebe o ser humano como uma parte indestrutível de Deus e de seus desígnios, fora da relação estatutária das religiões atomizantes que usaram o nome de Deus para depreciá-lo. Assim, educar é, antes de tudo, educar a complexa relacionalidade do ser humano: natureza-corpo-mente-alma-espírito-Deus (RODRIGUEZ, 2023b).

Portanto, entendemos como as regras para as teorias no paradigma reducionista, muitas delas nem mesmo obedeceram a essas regras, muitas nas ciências sociais, como a educação; tivemos muitas fraquezas e reduzimos a essência do conhecimento no paradigma simplificador:

Muito do que é apresentado nas ciências sociais como "teoria" não contém tais procedimentos, tornando inaplicáveis tanto o conceito de paradigma quanto o de teoria. De fato, às vezes as chamadas "teorias" nem mesmo contêm proposições - como Homans documentou uma vez que é frequente nas ciências sociais -, mas apenas termos e talvez definições (boas ou ruins), de modo que merecem menos esse nome (LEAL, 2013, p. 18, tradução nossa).

Devemos dizer que estamos buscando transepistemas profundamente sábios com a ecosofia, três ecologias: social, ambiental e espiritual (DELUEZE; GUATTARI, 1980), e devemos alertar que a falta de sabedoria para habitar o planeta é notória na educação em todo o planeta, nos perguntamos de onde vem a sabedoria, como alcançar o máximo desenvolvimento da Inteligência Espiritual para agir para o bem da humanidade? Devemos educar sem medo de errar, fora das religiões que "Deus como expressão máxima da religião e do amor nos dá sabedoria, nos regula e nos dá regras para o bem viver" (RODRÍGUEZ; MIRABAL, 2020a, p. 171, tradução nossa).

O que são transmétodos? em uma homenagem da Revista Entretextos da Universidad de la Guajira, no ano de 2022, o pesquisador Andrés Antonio Velásquez pergunta à criadora de transmétodos decoloniais planetários, complexos e transdisciplinares, Milagros Elena Rodríguez:

O que são transmétodos decoloniais complexos? E ela responde que são formas de passar do "pensamento disjuntivo e reducionista para o pensamento complexo na pesquisa decolonial, complexa e transdisciplinar. É uma alternativa para métodos complexificadores enraizados na tarefa de construir conhecimento e que precisam corrigir os pontos sobre seu escopo e possibilidades" (VELÁSQUEZ, 2022, p. 18, tradução nossa).

Os transmétodos, vão além dos métodos, sem derrubá-los, mas sim descolonizando-os, são filhos das transmetodologias, incluindo a hermenêutica abrangente, ecosófica e diatópica que orienta a investigação (RODRIGUEZ, 2020a).

A hermenêutica compreensiva ecosófica e diatópica é uma proposta trans-sistêmica, política e trans-metodológica que enfrentará o estudo dos diversos problemas do projeto transmoderno e do transparadigma complexo e transdisciplinar como superação da tradicionalidade modernista e pós-modernista em seus momentos analíticos, empíricos e propositivos (SANTOS, 2003).

A hermenêutica compreensiva é uma conjunção de ecosofia e diatopia (RODRÍGUEZ, 2020a), da qual a Educação Decolonial Planetária Complexa está impregnada, na medida em que "a ecosofia não renuncia nem à ciência nem à tecnologia, simplesmente sublinha que nosso uso delas não satisfaz as necessidades humanas básicas como trabalho significativo em um ambiente significativo" (PUPO, 2017, p. 18, tradução nossa). Não estamos dando as costas à ciência e à educação; estamos desconstruindo e nos desvinculando da colonialidade das teorias clássicas da educação.

Por outro lado, a hermenêutica diatópica é exigida na interpretação, quando a distância a ser superada, necessária em qualquer compreensão, é "a distância entre duas (ou mais) culturas, que se desenvolveram independentemente, e em espaços distintos (*topoi*), seus próprios métodos de filosofar e suas próprias formas de alcançar a inteligibilidade, juntamente com suas próprias categorias" (PANIKKAR, 1990, p. 87, tradução nossa).

A hermenêutica diatópica tenta preencher a lacuna entre dois *topoi* humanos que são impostos pelo pensamento abismal na educação, por exemplo, homem-Deus, homem-mulher, branco-negro, entre outros. Portanto, na hermenêutica compreensiva, "a hermenêutica diatópica parte da consideração temática de que é necessário compreender o outro sem pressupor que o outro tenha o mesmo autoconhecimento e conhecimento básico que nós" (PANIKKAR, 2007, p. 33, tradução nossa). Seguimos com o lema: *as transepistemes das teorias da EDPC não são nem a formulação nem as teorias*, e que "a formulação de uma teoria não é a teoria" (LEAL, 2013, p. 21, tradução nossa).

Passamos pelos momentos analítico-empíricos em que consultamos autores relevantes nas categorias temáticas e complexas e decidimos pela experiência da autora, com seu sentipensar liberado e suas subjetividades, e os resultados que foram dados nas linhas de pesquisa; esses momentos vêm do rizoma anterior, do atual e do próximo.

Nos momentos propositivos da hermenêutica compreensiva, a autora se desprende dos autores consultados e apresenta propostas originais que abordam o complexo objeto de estudo: as transepistemes das teorias da EDPC. O que desenvolvemos nos dois últimos rizomas.

Momento analítico-empírico. Contribuições para a crise colonial-reducionista das teorias educacionais tradicionais

Continuamos a explicitar a crise das teorias coloniais que na educação, como parte, segundo a tradição das ciências sociais, sofrem com o excesso da suposta verdade ou falsificação das teorias; pois transcendemos o erro de "falar de teoria somente quando se está convencido de que existe uma relação de verificação, ratificação, confirmação, demonstração, constatação, corroboração, ou como se queira dizer, entre dados e teoria" (LEAL, 2013, p. 30, tradução nossa). Mas quando se trata de seres humanos, ter verificação, verdade, demonstração e transferir os resultados das ciências verificáveis é um erro que a modernidade-pós-modernidade-colonialidade vem cometendo na educação.

Como sabemos que "a colonialidade é constitutiva da modernidade, e não derivada" (MIGNOLO, 2005, p. 75, tradução nossa); então, nela estaremos esclarecendo o que, de acordo com as diferentes manifestações da colonialidade, influencia a crise das teorias educacionais. Veremos brevemente que a colonialidade é "uma estrutura de organização e gestão das populações e dos recursos da terra, do mar e do céu" (MIGNOLO; GÓMEZ, 2012, p. 8, tradução nossa). Extinto o colonialismo, por exemplo, nesta parte do planeta, impõe-se a colonialidade até a colonialidade global como dominação do planeta em todos os sentidos: político, epistêmico, cosmogônico, do ser, do poder, axiológico ou ético, do saber; entre outros. Buscaremos as diferentes manifestações da colonialidade global hoje nas teorias.

Em termos de *colonialidade política*, ela "promove a impotência, a submissão e a subordinação ao mestre, o dominado é um sujeito, um subalterno, um escravo. Sua liberdade e felicidade são hipotecadas. Em troca, tornam-se cativos do colonizador" (ORTIZ; ARIAS; PEDROZO, 2018, p. 35, tradução nossa); nesse caso, as teorias estão repletas de imposições de como educar, repletas de proposições que se tornam leis imutáveis; que emitem o processo pedagógico em que não passar como aluno é considerado pouco inteligente; são teorias que classificam os seres das civilizações dominadas como de segunda classe, pouco inteligentes e, assim, justificam injustamente sua dominação na educação.

Em termos de *colonialidade epistêmica*, "o não conhecimento, a ignorância, é incentivado. O conhecimento pessoal, empírico e espontâneo não tem validade. A *doxa* é invalidada. Somente o conhecimento dos instruídos é válido, (...) O epistemicídio é o assassinato das crenças e concepções dos colonizados" (ORTIZ; ARIAS; PEDROZO, 2018, p. 35, tradução nossa). Nisso, sabemos que as teorias legalizaram um conhecimento acabado, distanciado da *doxa*, do conhecimento oculto e enterrado, criam-se *topoi*, se criam pensamentos abismais entre o que é imposto como válido e o verdadeiro conhecimento dos seres que são educados, que já estão treinados para saber que o que possuem como desenvolvimento de seu conhecimento não é válido, é de menor importância.

Para isso, é oportuno saber que "a transdisciplinaridade introduz um velho princípio ignorado pelo pensamento analítico das disciplinas: *a lei da coincidência oppositorium* (CASTRO-GÓMEZ, 2007, p. 86); nisso lembramos o pensamento de Heráclito que se caracteriza por se constituir em opostos, ser e não ser, o oposto ou o complemento; princípios que aparecem como na transdisciplinaridade com seus axiomas, *onde reconhecemos que Heráclito de Éfeso na complexidade moriniana é uma filosofia que despertava sentimentos* (RODRIGUEZ, 2022d). *Deus, logos e fogo* em Heráclito (AGUILERA, 2014) pode ser uma

discussão muito charmosa, mas não é o objetivo da pesquisa. Também Pitágoras tem a filosofia da teoria *coincidência oppositorium*, coincidências de opostos (DE CUSA, 1996). Observe como a filosofia antiga respeitava a complexidade da vida, que depois se perde na filosofia moderna.

Assim, temos teorias doutrinadoras, behavioristas, antipedagógicas, que são treinadas para impor a validade do que é conveniente ao saber, à classe dominante: O Ocidente e o Norte; na medida em que, por exemplo, as teorias do behaviorismo condicionarão os alunos para que, por meio da educação, extirpem os comportamentos não convenientes ao sistema, incentivando, assim, no sistema escolar, o uso de operações predestinadas a manipular comportamentos, como a competição entre as pessoas; e é assim que os seres humanos são alienados para ir contra suas próprias comunidades; contra o valor de suas civilizações e recorrer ao legalizado como defesa até que afetem suas próprias vidas; como a destruição do planeta.

É essa *colonialidade epistêmica que, com a noção de colonialidade do saber*, pretende-se destacar a dimensão epistêmica da colonialidade do poder; "refere-se ao efeito de subalternização, forclorização ou invisibilização de uma multiplicidade de saberes que não respondem aos modos de produção do 'conhecimento ocidental' associado à ciência convencional e ao discurso especializado" (ROJAS; RESTREPO, 2010, p. 136, tradução nossa). Nisso sabemos que as teorias educacionais doutrinadoras, que ainda estão presentes apesar das lutas de Paulo Freire, e de grandes pedagogos pela libertação da educação.

A *colonialidade axiológica ou ética* "promove o não-ser, a não-existência, a desontologização humana. O ser humano é multiplicado por 0 e desaparece, não tem valor, não existe" (ORTIZ; ARIAS; PEDROZO, 2018, p. 35, tradução nossa); nessas teorias, o valor do ser humano é separado, ele é alienado de sua própria educação, o humano é esclarecido como racionalidade na mente e o ser humano é separado da natureza, da alma e do espírito. Nessas teorias coloniais de educação, o ser humano é apenas o que é conveniente fazer para o bem do sistema de colonialidade global.

Hoje se abusa de sua natureza, de sua criação; além disso, a filosofia foi separada da teologia e das ciências, procurando fazer com que estas dominassem em favor dos donos do projeto colonial; agora se abusa da ciência, de seus preceitos para impor o que convém para reduzir a população mundial, para acabar com a família; esses são exemplos. Os marginalizados da história da educação permanecem à margem da miséria antivitimista; aqueles que nunca foram; os outros, aqueles que obedecem e alguns de nós que se opõem.

Por outro lado, na teoria da complexidade, "as teorias transdisciplinares se relacionariam com a vida cotidiana e subjetiva das pessoas" (BONDARENKO, 2009, p. 475, tradução nossa). Mas, na colonialidade que permeia a vida, os sistemas educacionais não foram capazes de se desenvolver em meio a esses exercícios de poder; a colonialidade continua em todos os sentidos na educação e nos sistemas que impedem a formação e os exercícios colaborativos das disciplinas.

Nas teorias, *a colonialidade praxiológica* "promove o não-fazer, o não-ser, a dependência, a não-autonomia. Configura hábitos alheios à sua cultura, gera a invisibilização de seu próprio fazer, de práticas personalistas e idiossincrasias, aniquila costumes e práticas identitárias" (ORTIZ; ARIAS; PEDROZO, 2018, p. 35, tradução nossa). A alienação do ser humano, a desmistificação de seu próprio valor; e tudo isso, a negação de sua própria complexidade na educação faz o cenário para a educação planetária, educar na era planetária, chamada por Edgar Morin, nos leva a pensar em virar o barco da educação, com a reforma do pensamento; mas, como vemos, é necessário descolonizar a educação planetária primeiro.

Uma das importâncias da decolonização em nível planetário é que "o pensamento complexo e as sabedorias ancestrais (*la Philosophia perennis*) nos ensinam que "o terceiro é sempre dado" (CASTRO-GÓMEZ, 2007, p.86, tradução nossa). Santiago Castro-Gómez se refere ao terceiro incluído nos postulados da transdisciplinaridade (NICOLESCU, 1998), salvaguardando, é claro, as sabedorias ancestrais que reivindicamos na decolonialidade planetária. O termo em latim *Philosophia Perennis*, sabedoria perene, foi usado pela primeira vez no século XVI por Agostino Steuco, em seu livro: *De Perenni Philosophia*, publicado pela primeira vez em 1540 e editado em 1972 (STEUCCO, 1972), esse autor era um defensor do platonismo e do princípio da imortalidade da alma. Além disso, *Philosophia Perennis* foi usado por Gottfried Wilhelm Leibniz, o cristão, matemático e filósofo, para se referir à filosofia comum e eterna por trás de todas as religiões e das correntes místicas dentro delas (LEIBNIZ, 1982). A esse respeito, em 1945, Aldous Huxley publicou seu livro intitulado: *La filosofía perenne* (HUXLEY, 1967). Estudaremos esses fatos em profundidade mais tarde, se Deus quiser, nas linhas de investigação mencionadas acima. Pensamos em

transdisciplinaridade e pensamento complexo como modelos emergentes a partir dos quais poderíamos começar a construir pontes para um diálogo transcultural de conhecimento (...) mas não faz sentido incorporar a transdisciplinaridade e o pensamento complexo se isso não contribuir para permitir uma troca cognitiva entre a ciência ocidental e as formas pós-

ocidentais de produção de conhecimento (CASTRO-GOMÉZ, 2007, p. 80, tradução nossa).

Com base nesses argumentos sólidos, a Educação Decolonial Planetária Complexa deve estar em constante desvinculação e religação para evitar ficar com atrasos coloniais pós-modernistas que a prendam ao projeto colonial global (RODRÍGUEZ, 2023c). *A religação ecosófica é uma obrigação dos projetos transmodernos*, além da modernidade, incluindo a decolonialidade planetária (RODRÍGUEZ, 2019). As religações ecosóficas foram estudadas, por exemplo, *no sujeito complexo e na vontade: religações ecosóficas* (RODRÍGUEZ, 2023d).

Nisso devemos estar conscientes de que as teorias não são ditames eternos, que são fundamentos para começar a complexificar na educação, pois, "ninguém é dono de uma teoria nem seu conteúdo é especificável de uma vez por todas, mas admite todo tipo de desenvolvimentos, em muitos casos surpreendentes e inesperados" (LEAL, 2013, p. 22, tradução nossa). E *a Educação Decolonial Planetária Complexa está em constante religação ecosófica* (RODRÍGUEZ, 2023c).

Já nas teorias sobre a *colonialidade cosmogônica*, ela é educada na perspectiva da não interconexão, "dualismos, dicotomias, desconfiguração vital". Prefere o pensamento separado, fragmentador, mecânico e dogmático. Não vê a vida em sua ausência espontânea ou como uma configuração holística, mas como uma entidade separada de tudo o mais" (ORTIZ; ARIAS; PEDROZO, 2018, p. 35, tradução nossa). Portanto, a Educação Planetária Decolonial Complexa se configura como uma "práxis educativa e social que permite elaborar ações pedagógicas, privilegiando abordagens complexas, transdisciplinares e transversais, percebendo sua dimensão histórica e cultural, fortalecendo seu compromisso como cidadão na Terra; sua identidade e subjetividade desempenham um papel fundamental na religação" (RODRÍGUEZ, 2020b, p. 186, tradução nossa), contra a colonialidade cosmogônica das teorias em favor das diatopias dos *topoi*.

Assim como a *colonialidade linguística das teorias* "impõe noções e categorias eurocêntricas, importadas do Ocidente, que não refletem a identidade latino-americana e mascaram o colonialismo e a colonialidade política e epistêmica" (ORTIZ; ARIAS; PEDROZO, 2018, p. 35, tradução nossa). Na educação, as teorias continuam sendo a arma legalizadora da única coisa válida que desmistifica o encoberto e isso legaliza a colonialidade do poder das teorias educacionais. Pensemos como contraponto que com as teorias de Educação Decolonial Planetária Complexa, como se sustenta na teoria da complexidade, tem princípios:

hologramático, recursivo e dialógico; convivamos com diatopias profundamente ecosófica na educação.

Propomos que, uma vez que "a teoria, sem dúvida, utiliza regras, algoritmos, técnicas, estratégias e métodos de solução que são variados e adaptados a diferentes tipos de problemas. Na aplicação de tais procedimentos, as proposições gerais da teoria ocupam um lugar central" (LEAL, 2013, p. 12-13); utilizemo-las como meio para descolonizar o caminho, transdiscipliná-las e complexificá-las; considerando que "toda teoria abandonada a seu próprio peso tende a se achatar, a se tornar unidimensional e reificada" (MORIN; CIURANA; MOTTA, 2002, p. 21, tradução nossa). Portanto, as transepistemas que estamos configurando são mutáveis e avaliativas em constantes entrelaçamentos; para ela, as rupturas dos rizomas são essenciais; por isso promovemos: *A Educação Decolonial Planetária Complexa como significação de rupturas* (RODRÍGUEZ, 2022e).

Os transepistemas das teorias da Educação Decolonial Planetária Complexa, em particular, não são nada sem método, "quase se confundem com o método, ou melhor, teoria e método são os dois componentes indispensáveis do conhecimento complexo" (MORIN; CIURANA; MOTTA, 2002, p. 21, tradução nossa); falamos de transmetodologias decoloniais planetárias complexas. Bem, para esclarecer mais uma vez, devemos levar em conta que nem toda transdisciplinaridade é decolonial e, de fato, Nelson Maldonado-Torres afirma em seu artigo: *Transdisciplinariedad y decolonialidad*, que "a descolonização epistêmica envolve várias formas de transdisciplinaridade, mas nem todas as formas de transdisciplinaridade são decoloniais" (MALDONADO-TORRES, 2015, p. 1). E, de fato, nem todas as formas transdisciplinares foram decoloniais; nem várias formas são exercidas com complexidade; não nos esqueçamos de que a complexidade é o terceiro pilar da transdisciplinaridade (NICOLESCU, 1998).

Atentaremos para o fato de que um dos perigos de uma teoria consiste em "sua capacidade potencial de se tornar um modelo inquestionável, que todos os pesquisadores devem seguir para ter seu trabalho reconhecido, enquanto qualquer desvio da "norma" é considerado anticientífico e objeto da mais forte reprovação" (BONDARENKO, 2009, p. 467, tradução nossa). Não estamos procurando fatos acabados, ditames coloniais, estamos procurando pontos de partida decoloniais planetários-complexos-transdisciplinares nas teorias do EDPC.

Os transepistemas das teorias da EDPC certamente seriam as teorias decoloniais planetárias e as teorias transdisciplinares, que seriam definidas como "teoria que integra algumas teorias parciais, geradas em diferentes campos do conhecimento, em um todo coerente

e lógico para oferecer uma descrição mais integral do fenômeno e nos ajudar a entender melhor o mundo complexo em que vivemos" (BONDARENKO, 2009, p. 472, tradução nossa).

No alerta para a salvaguarda dos oprimidos e das suas civilizações no planeta, o chamado sul global por Boaventura de Sousa Santos, que naturalmente inclui o Sul, que as teorias nas ciências transdisciplinares e decoloniais na EDPC que defendemos são apoiadas nas epistemologias do sul (SANTOS, 2009); sem privilégios ou exercícios de poder ou superioridade entre todas as epistemologias do planeta. Pois bem, a diversidade é o patrimônio cultural mais importante da humanidade; que não fala de superioridade; porque na “pedagogia é na proximidade pai-filho, professor-aluno onde convergem a política e o erotismo. A criança que nasce em casa é educada para fazer parte de uma comunidade política: e a criança que nasce numa cultura cresce para formar um lar” (DUSSEL, 2011, p. 143, tradução nossa). Levando em conta: *Erros na construção transdisciplinar do conhecimento: Necessidade de descolonizar* (OSPINA, 2023).

A seguir, a partir da consulta do pesquisador às categorias utilizadas para delinear os momentos propositivos iniciais, apenas com a hermenêutica do autor, com algumas transepistemes das teorias do EDPC.

Momento proposicional. Transepistemas de teorias decoloniais na Educação Decolonial Planetária Complexa.

As transepistemes das configurações das teorias decoloniais do EDPC trazem consigo essências sobre o decolonialismo no Sul da Educação; mas não apenas lá, mas em todo o planeta; assumimos a hipótese: as cosmovisões, o conhecimento das civilizações ocultas, o conhecimento leigo, as subjetividades e a cotidianidade colaboram na sala de aula mente-social-espírito, agilizando o aluno para sua aprendizagem libertadora e complexa. A sala de aula mente-social-espírito é um espaço não físico além das instituições onde se aprende em todo lugar e tempo com a complexidade do ser humano: natureza-corpo-mente-alma-espírito-Deus. A transepisteme é assumida como um axioma das teorias decoloniais: *todo ser humano é educável e capaz de se libertar em seu processo, respeitando suas cosmovisões e sua condição humana.*

O conhecimento das teorias decoloniais, os transepistemes, são carregados com o *sistema mundial planetário transmoderno - decolonial planetário na EDTC, a decolonialidade do poder na EDTC*; e de todas as decolonialidades essenciais que são exercidas nos diferentes

tipos de colonialidade global que temos narrado; por exemplo, as teorias por serem carregadas com a hipótese: o conhecimento dos saberes encobertos conjuga-se expeditamente com a salvação do planeta, a salvaguarda da vida; nisso os *transepistemas estão carregados de uma ética decolonial, de uma ética complexa, antropológica, de responsabilidade social que convergem na educação decolonial do ser humano; como uma lei retroativa planetária.*

As transepistemas das teorias decoloniais do EDPC herdam os princípios da teoria da complexidade: hologramático, dialógico, recursivo. No diálogo dialógico que acrescentamos deve ser também dialético, por isso o princípio dialógico-dialético afirma que as teorias estão carregadas da proposição: Transformando as relações de autoritarismo e por meio da decolonialidade planetária, o poder do conhecimento eurocêntrico é eliminado ou desmistificado e colocado em diálogo com todos em igual grau de importância, com os saberes execrados - o conhecimento, na Educação Decolonial Planetária Complexa. *Uma transepisteme é o axioma: a arte de habitar o planeta deve ser central para a educação.*

As transepistemas das teorias decoloniais do EDPC herdam o princípio hologramático, portanto, sob a hipótese: se com a educação promovermos a filosofia libertadora e nos questionarmos e educarmos nesse sentido: O que é humano? Ou seja, retornar na educação à filosofia e às perguntas iniciais à luz da recursividade necessária nos fatos violadores de tal criação, podemos promover a vida e ajudar a salvaguardá-la. Com perguntas como: Que efeitos a violação de tudo o que Deus dispôs para que o ser humano viva feliz teve sobre o ser humano? Como as ações de violação da natureza, da terra, do universo, têm efeito sobre o ser humano? O ser humano pode continuar a existir como ser humano se não aceitar sua criação narrada nas Sagradas Escrituras em Gênesis? O ser humano tem sido suficiente para salvar a si mesmo?

Isso toca em um tema anti-humano, como o transhumanismo, que deprecia o eu para se tornar anti-humano, planos de colonialidade global. As transepistemas das teorias decoloniais do EDPC herdam o princípio hologramático, portanto, *uma transepisteme é a lei: salvaguardamos a natureza da vida, sua criação original ou pereceremos;* e isso inclui a Terra como o único planeta habitável; nisso devemos educar com toda a complexidade do ser humano.

As transepistemas das teorias decoloniais do EDPC herdam o princípio recursivo, portanto, sob a lei: Reconhecer as desmistificações feitas e as características da vida dos educandos, seus interesses que são produtos de sua interação subjetiva e convoca em recursividade a serem produtores e causas do mesmo processo que os produz; melhorará expeditamente a adequação de uma EDPC; para isso é urgente ir formando uma constante isto

é um loop recursivo sem separar saber-conhecimento; então devemos nos desvincular do valor impositivo deste último, o conhecimento, como os legalizados do Ocidente e do Norte. Portanto, *diatopias como solidariedade na decolonialidade planetária e reconciliação em tempos de dor são a essência da Educação Decolonial Planetária Complexa, portanto, uma transepisteme de suas teorias*. Com isso, voltamos novamente, de forma recursiva, à carga transepistêmica da complexidade do ser humano que, como dissemos, é urgente promover nas teorias educacionais para salvaguardar a vida em sua criação.

As transepistemes das teorias educacionais no EDPC no princípio recursivo promovem como hipótese: as tecnologias e as inovações são apenas instrumentos pedagógicos que devem ser supervisionados expedita e conjuntamente para promover o conhecimento enterrado, e a diatopia: saberes-conhecimento; devem ser usadas nele com delicado cuidado para não cair nesses meios como instrumentos coloniais para a quebra da eticidade complexa que deve ser construída, que é educável no EDPC.

As transepistemes das teorias devem considerar que a Educação Decolonial Planetária Complexa busca a paz em meio à diátribe da guerra e das tecnologias de comunicação como transformadoras da essência humana; esse é um axioma. Trata-se do esquecimento do ser, do que se execra para competir; trata-se de educar para ser feliz e para estar em harmonia e respeito com todos; mas também para nos revermos sobre o que aconteceu com o ensino sem voz, mudo, apatia das redes, da Internet; aí devemos agir desvinculando-nos e revinculando-nos constantemente. As teorias educacionais em sua execução devem promover a supervisão do que é conveniente ou não nas redes; essa é uma lei dessas teorias é essencial; desconstruir a mídia denegridora da vida, antiética. O EDPC deve estar atento a esses novos instrumentos de evasão e aprendizagem na robotização da vida; mas assume seu urgente papel descolonizador na mídia; sua essência recursiva, hologramática e dialógica.

A decolonialidade planetária do conhecimento e a geopolítica do conhecimento matemático no âmbito da EDPC é essencial, desempenha um papel importante nas transepistemes das teorias decoloniais; a recursividade na teoria da complexidade vem da matemática como base na fractalidade, depois levada para a programação, para a física; e influencia o próprio exercício da docência na EDPC; ou seja, se autodenomina, se revisa no processo, ascende e retorna repetidamente à sua essência, se desvincula dos males que arrastou da educação colonial e continua a se religar, continua no processo recursivo a ser o supervisor de sua caminhada, de sua jornada; nunca se impõe como definitivo. Ela continua em si mesma

em sua essência: decolonial, planetária e complexa para passar por cada uma de suas partes interagindo com o todo, é uma lei nessas teorias.

As transepistemes das teorias nos falam sobre a profunda ecosofia e diatopia na EDPC; portanto, ela é, de acordo com a lei essencial das teorias: sábia e unitiva no conhecimento, reconciliadora no fazer, tolerante na diversidade; respeitosa aos processos metacognitivos dos alunos, encarregados do ensino da compaixão, da ecosofia e das diatopias que nos aproximam, sem dissipar nossas identidades como seres humanos, vizinhos não neutros, habitantes da mesma casa: a Terra. Em respeito à natureza da vida, convencidos de que essa é a maneira de protegê-la.

Essas teorias rompem com o invólucro separatista irracional dos topoi: abstrato-concreto, saberes-conhecimento, Sul-Occidente, sul-norte, global-local, teoria-exemplos, matemática-ciência, filosofia-educação, filosofia-teologia, razão-alma, ser humano-natureza, entre outros. Os opostos não podem ser separados, sua constituição pela natureza da criação é a conjunção, eles se alimentam mutuamente e interagem uns com os outros. Com a filosofia antiga, retornamos aos opostos, conforme expressado por Heráclito, Pitágoras e muitos dos filósofos antigos que respeitam a complexidade.

Uma transepisteme das teorias decoloniais da EDPC é que ela assume como hipótese: a supervisão dos defeitos que são impostos disfarçados de decoloniais nas políticas educacionais de estados ideológicos, decoloniais não melhorará e alertará o processo de libertação e decolonialidade; desde que essa supervisão seja olho no olho do que não liberta, mas engessa, do que exige lealdade em troca de oprimir as opiniões contrárias ao sistema do dia. Esteja atento ao uso de legados decoloniais, como Paulo Freire, entre outros, que ditam políticas libertadoras, mas no conteúdo que é ensinado, aqueles que detêm o poder nas ideologias da época se impõem. Uma teoria decolonial não promove nem o capitalismo, nem o socialismo, nem o comunismo; ela não endossa nenhum desses sistemas opressivos de educação no planeta.

Momento propositivo de conclusão. Na construção das linhas de pesquisa

Sustentamos como objetivo complexo: transepistemes das teorias da Educação Decolonial Planetária Complexa; com a hermenêutica compreensiva, ecosófica e diatópica. As categorias ecosofia e diatopia são fornecidas pela hermenêutica com os textos consultados e com o autor, não empunhamos nada definitivo. As transepistemes são pontos de partida com a condição apodítica da decolonialidade planetária para ser um pensador complexo, em qualquer

uma de suas manifestações nas indagações. Não sequestramos a complexidade, quem quer que tenha tentado fracassar, nós a usamos como a própria vida, na medida em que, para pensá-la, precisamos de mentes decoloniais em todos os sentidos, assim como para a transdisciplinaridade. Portanto, epistemicamente, nem todas as formas de transdisciplinaridade têm sido decoloniais, nas palavras de Nelson Maldonado Torres, que endossamos nas linhas de pesquisa.

Queremos esclarecer que não podemos, e não é nossa intenção, delinear todas as transepistemes de uma só vez, nem ter teorias decoloniais acabadas na EDPC; pois isso contradiz a essência decolonial-complexa que a constitui: a decolonialidade é um projeto que é um processo inacabado, pois os instrumentos de evasão decolonial global são mutantes; ele está alerta para isso; e não podemos conhecer o todo, a estrutura nunca está acabada. Como Edgar Morin: navegamos no mar da incerteza em arquipélagos de certeza; como Blaise Pascal: o todo é mais do que a soma de suas partes; como vai da razão geométrica à razão do coração, dos estudos em matemática ao estudo da vida de Jesus Cristo; ou Heráclito, o obscuro da filosofia antiga, quando diz: nunca navegamos duas vezes pelo mesmo rio.

Deve-se esclarecer que as transepistemes das teorias da Educação Decolonial Planetária Complexa não anulam as epistemes da educação tradicional, mas a descolonizam, emergindo assim a decadência dos dogmas de educar para obedecer ao sistema e estar a serviço de seus projetos dominantes que destruíram a educação como libertação em suas múltiplas tentativas; como a formação de seres humanos em seus processos metacognitivos profundos para nos incitar à solidariedade, ao respeito, à ética e à realização em sua vida em comunidade, em troca da destruição da natureza para sermos subservientes ao sistema opressor. A essência decolonial planetária, como apodíctica na EDPC, nos incita a nos desprendermos das amarras do emaranhamento e do pensamento complexo.

Pensamos em nós mesmos como seres humanos em tais transepistemes em nossa natureza complexa: natureza-corpo-mente-alma-espírito-Deus. Onde, pertencendo à terra como pátria, formamos uma parte essencial da criação de Deus, elevamos nossa autoestima e nosso valor; e nos redimimos com nosso criador e vencedor à luz da liberdade e da salvação dadas por seu Filho Jesus Cristo na cruz, onde ele nos ensina o valor de nossas vidas. E que, com essa perspectiva de amor pela vida, nós nos resinifiquemos em nossa educação e prática com amor a Deus e a nossos semelhantes.

As teorias decoloniais do EDPC não destroem as teorias coloniais, elas as descolonizam, as desconstroem, nós nos desvinculamos de seu exercício de poder e opressão sobre o ser

humano; da transferência de teorias das ciências para a educação como osmose; assim como a transdisciplinaridade não elimina as disciplinas, mas rompe o pensamento abismal que as separa em topoi; para tornar o conhecimento mais complexo, porque nessas fronteiras há um rico conhecimento que nos ajuda a saber navegar nesse mar de incertezas, mesmo quando fazemos o caminho enquanto caminhamos. *Nós nos conhecemos na certeza de que a decolonialidade-planetária-complexidade é indispensável na educação para a visão como axioma planetário de suas teorias: contribuir para a salvação da Terra.*

REFERÊNCIAS

- AGUILERA, S. Dios, logos y fuego en Heráclito. **Byzantion nea hellás**, Santiago de Chile, n. 3, p. 11-27, 2014. DOI: 10.4067/S0718-84712014000100001. Disponível em: http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-84712014000100001 Acesso em: 2 jul. 2023.
- CASTRO-GÓMEZ, S. Decolonizar la universidad. La hybris del punto cero y el diálogo de saberes. In: CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSGOQUEL, R. (comps.). **El giro decolonial: Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos, Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007.
- BONDARENKO, N. El concepto de teoría: de las teorías intradisciplinarias a las transdisciplinarias. **Revista de Teoría y Didáctica de las Ciencias Sociales**, Mérida, n. 15, p. 461-477, 2009. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=65213215010> Acesso em: 2 mar. 2023
- DE CUSA, N. La Docta Ignorancia. **Biblioteca de Iniciación Filosófica**, Buenos Aires, n. 53, 1996. Disponível em: <https://revistas.upr.edu/index.php/ceiba/article/download/5615/4375/5174>. Acesso em: 2 mar. 2023
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Mesetas. Capitalismo y Esquizofrenia**. Valencia: Pre-textos, 1980.
- DUSSEL, E. Sistema-mundo y Transmodernidad. In: BANERJE, I.; DUBE, S.; MIGNOLO, W. (ed.). **Modernidades coloniales**. México: El Colegio de México, 2004.
- DUSSEL, E. **Filosofía de la liberación**. México: FCE, 2011.
- INGALA, E. La complejidad y el pensamiento de Gilles Deleuze. **Δάμων. Revista de Filosofía**, Murcia, suplemento 2, p. 255-261, 2008. Disponível em: <https://revistas.um.es/daimon/article/view/120581>. Acesso em: 30 mar. 2023.
- HUXLEY, A. **La filosofía perenne**. Buenos Aires: Sudamericana, 1967.

KUHN, T. **The structure of scientific revolutions**. Chicago: The University of Chicago Press, 1962.

LEAL, F. Acerca de la teoría. **Espiral. Estudios sobre Estado y Sociedad**, Guadalajara, v. XX, n. 57, p. 9-38, 2013. Disponible em: <https://www.scielo.org.mx/pdf/espiral/v20n57/v20n57a1.pdf>. Acesso em: 3 jun. 2023.

LEIBNIZ, G. **Escritos filosóficos**. Buenos Aires: Editorial CHARCAS, 1982.

MALDONADO-TORRES, N. Transdisciplinariedad y decolonialidad. *Quaderna*, Paris, n. 3, p. 1-20, 2015. Disponible em: <http://quaderna.org/?p=418>. Acesso em: 2 jul. 2023.

MIGNOLO, W. A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade. In: LANDER, E. (org). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciencias sociais. Perspectivas latinoamericanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

MIGNOLO, W.; GÓMEZ, P. **Estéticas Decoloniales**. Bogotá: Universidad Distrital Francisco José de Caldas, 2012.

MORÍN, E. **El Método IV: Las ideas**. Traducción del francés por Ana Sánchez. Madrid: Cátedra, 1992.

MORÍN, E. **Introducción al Pensamiento Complejo**. Barcelona: Gedisa Editorial, 2003.

MORÍN, E.; CIURANA, E.; MOTTA, R. **Educación en la era planetaria**. Educar en la era planetaria. El pensamiento complejo como Método de aprendizaje en el error y la incertidumbre humana. Valladolid: UNESCO- Universidad de Valladolid, 2002.

NICOLESCU, B. **La transdisciplinariedad, una nueva visión del mundo**. Manifiesto. Paris: Ediciones Du Rocher, 1998.

ORTIZ OCAÑA, A.; ARIAS, M.; PEDROZO, Z. **Decolonialidad de la educación**. Emergencia/urgencia de una pedagogía decolonial. Santa Marta: Editorial Unimagdalena, 2018.

OSPINA, S. Errores en la construcción de manera transdisciplinaria de conocimientos-saberes: Necesidad de decolonizar. **Revista Educar Mais**, Pelotas, v. 7, p. 521-537, 2023. DOI: 10.15536/reducarmais.7.2023.3336. Disponible em: <https://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/educarmais/article/view/3336> Acesso em: 11 jul. 2023

PANIKKAR, R. **Sobre el diálogo intercultural**. Salamanca. Editorial San Esteban, 1990.

PANIKKAR, R. **Mito, fe y hermenéutica**. Barcelona: Herder, 2007.

PUPO, R. **La cultura y su aprehensión ecosófica**. Una visión ecosófica de la cultura. Alemania: Editorial Académica Española, 2017.

RODRÍGUEZ, M. E. Re-ligar como práctica emergente del pensamiento filosófico transmoderno. **ORINOCO Pensamiento y Praxis**, Ciudad Bolívar, n. 11, p. 13-3, 2019. DOI: 10.5281/zenodo.3709211. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7798409>. Acesso em: 2 mar. 2023.

RODRÍGUEZ, M. E. La hermenéutica comprensiva, ecosófica y diatópica: un transmétodo rizomático en la transmodernidad. **Revista Perspectivas Metodológicas**, Buenos Aires, v. 19, p. 1-15, 2020a. DOI: 10.18294/pm.2020.2829. Disponível em: <http://revistas.unla.edu.ar/epistemologia/article/view/2829>. Acesso em: 4 jul. 2023.

RODRÍGUEZ, M. E. Religar ecosóficamente como urgencia transepistémica en la re-civilización de la humanidad. **Revista Desenvolvimento Social**, Montes Claros, v.26, n.1, pág.169-88, 2020b. DOI: 10.46551/issn2179-6807v26n1p169-188. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/rds/article/view/2849>. Acesso em: 2 mar. 2023.

RODRÍGUEZ, M. E. La decolonialidad planetaria como apodíctica de la transcomplejidad. **RECIPEB: Revista Científico-Pedagógica do Bié**, Bié, v. 1, n. 1, p. 43-56, 2021a. Disponível em: <http://recipeb.espbie.ao/ojs/index.php/recipeb/article/view/41>. Acesso em: 2 mar 2023.

RODRÍGUEZ, M. E. La decolonialidad planetaria como urgencia de la complejidad como transmetódica. **Perspectivas Metodológicas**, Buenos Aires, v. 21, p. 1-15, 2021b. DOI: 10.18294/pm.2021.3527 Disponível em: <http://revistas.unla.edu.ar/epistemologia/article/view/3527>. Acesso em: 22 jul. 2023.

RODRÍGUEZ, M. E. La Educación Planetaria Decolonial en Edgar Morín: aportes y transmétodo. **Cadernos De Pesquisa**, Maranhão, v. 29, n. 4, p. 29–51, 2022a. DOI:10.18764/2178-2229v29n4.2022.58. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/20036>. Acesso em: 21 jul. 2023.

RODRÍGUEZ, M. E. **La decolonialidad planetaria apodíctica de la teoría de la complejidad**. Itapetininga: Edições Hipótese, 2022b.

RODRÍGUEZ, M. E. Taras como sátiras en la interpretación de la decolonialidad. **Revista nustrAmérica**, Santiago de Chile, n. 20, e6907459, p. 1-15, 2022c. DOI: 10.5281/zenodo.6907459. Disponível em: <https://nuestramerica.cl/ojs/index.php/nuestramerica/article/view/e6907459>. Acesso em: 2 mar. 2023.

RODRÍGUEZ, M. E. Heráclito De Éfeso en la complejidad Moríniana: una filosofía que despertó sentires. **Problemata Revista Internacional de Filosofia**, Paraíba, v. 13, n. 3, p. 85-96, 2022d. DOI: 10.7443/problemata.v13i3.64006. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/problemata/article/view/64006>. Acesso em: 2 mar. 2023.

RODRÍGUEZ, M. E. Indagaciones rizomáticas - Educación Decolonial Planetaria Compleja como rupturas asignificantes. **EduSer**, Bragança, v. 1, n. 1, p. 1-14, 2022e. DOI:

10.34620/eduser.v1i1.196. Disponível em:
<https://www.eduser.ipb.pt/index.php/eduser/article/view/196> Acesso em: 2 mar. 2023.

RODRÍGUEZ, M. E. El cero (0) no tan neutro en la Educación Decolonial Planetaria Compleja. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 18, e21287, p. 1-14, 2023a. DOI: 10.5212/PraxEduc.v.18.21287.017. Disponível em:
<https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/21287>. Acesso em: 2 mar. 2023.

RODRÍGUEZ, M. E. Transepistemes de la concepción compleja de ser humano: naturaleza-cuerpo-mente-alma-espíritu-Dios. **PerCursos**, Florianópolis, v. 23, n. 53, p. 157 -179, set./dez. 2023b. DOI: 10.5965/1984724623532022157. Disponível em:
<https://www.revistas.udesc.br/index.php/percursos/article/view/22412>. Acesso em: 19 jul. 2023.

RODRÍGUEZ, M. E. Complex planetary decolonial education and its ecosophical relinks. **Revista Boletín REDIPE**, Bogotá, v. 12, n. 2, p. 87-99, 2023c. DOI: 10.36260/rbr.v12i2.1935. Disponível em:
<https://revista.redipe.org/index.php/1/article/view/1935> Acesso em: 2 mar. 2023.

RODRÍGUEZ, M. E. El sujeto complejo y la voluntad: re-ligajes ecosóficos. **Revista Educar Mais**, Pelotas, v. 7, p. 34-47, 2023d. DOI: 10.15536/reducarmais.7.2023.2987. Disponível em: <https://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/educarmais/article/view/2987>. Acesso em: 2 mar. 2023

RODRÍGUEZ, M. E.; MIRABAL, M. Ecosofía-antropoética: una re-civilización de la humanidad. **TELOS, Revista de Estudios Interdisciplinarios en Ciencias Sociales**, Maracaibo, v. 22, n. 2, p. 295-309, 2020. DOI: 10.36390/telos222.04. Disponível em: <http://ojs.urbe.edu/index.php/telos/article/view/3312>. Acesso em: 2 mar. 2023

SANTOS, B. **Crítica de la razón indolente. Contra el desperdicio de la experiencia**. Vol.1 Editorial Desclée de Brouwer, S.A. Bilbao, 2003.

SANTOS, B. **Epistemología del sur**. México: siglo XXI Editores, 2009.

SALINAS GAONA, S.; REYES, J. Complejidad, transdisciplinariedad y pedagogía decolonial. Bases epistémicas para una reforma curricular educativa. **Encuentros Revista de Ciencias Humanas, Teoría Social y Pensamiento Crítico**, Maracaibo, n. 14, p. 228-256, 2021. DOI: 10.5281/zenodo.5205225. Disponível em:
<https://encuentros.unermb.web.ve/index.php/encuentros/article/view/181>. Acesso em: 2 mar. 2023.

SOCIEDADES BÍBLICAS UNIDAS. **Santa Biblia**. Caracas: Versión Reina-Valera, 1960.

STEUCO, A. **De Pedenni Philosophia**. Nueva York: Johnson Reprint Corporation, 1972.

VELÁSQUEZ, A. Torbellino transmetódico: se hace camino al anda. **Entretextos**, La Guajira, v. 16, n. 30, p. 15-32, 2022. DOI: 10.5281/zenodo.6409490. Disponível em: <http://revistas.uniguajira.edu.co/rev/index.php/entre/article/view/256>. Acesso em: 2 mar. 2023

CRediT Author Statement

Reconhecimentos: A autora da pesquisa em seu amor pelo amado Deus em nome de Jesus Cristo emite sua necessidade de reprovos os erros cometidos, se possível em obediência aos Seus mandamentos: "Toda Escritura é inspirada por Deus e proveitosa para ensinar, para redarguir, para corrigir, para instruir em justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito, perfeitamente habilitado para toda boa obra" (2 TIMÓTEO 3:16-17); pois na palavra de Deus temos a salvação: "Fala, exorta e repreende com toda autoridade. Que ninguém o despreze" (TITO 2:15). Obrigado, Deus adorado, por sua sabedoria.

Financiamento: A pesquisa foi realizada com financiamento da CAPS.

Conflitos de interesse: Não há conflitos de interesse.

Aprovação ética: Não se aplica.

Disponibilidade de dados e material: Não se aplica.

Contribuições dos autores: Autoria única.

Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação.

Revisão, formatação, normalização e tradução.

